Entrevista

v. 48 • nº 1 • janeiro-abril • 2023.1

anuário antropológico

v. 48 • nº 1 • janeiro-abril • 2023.1

Etnografia de Retalhos: diálogos, dilemas e perspectivas metodológicas feministas para a antropologia

Patchwork Ethnography: dialogues, dilemmas and feminist methodological perspectives for anthropology

DOI: https://doi.org/10.4000/aa.10626

Renata Albuquerque

Universidade de Brasília – Brasil

ORCID: 0000-0002-8524-1764

re.a.moraes@gmail.com

Cientista social formada pela USP, é especialista em estudos latino-americanos e tem doutorado em Antropologia Social pela UnB. Seus projetos atuais se direcionam à comunicação política e eleitoral na América Latina e à articulação do trabalho materno com outras formas de trabalho, sobretudo na política e na academia.

Gökçe Günel

Rice University – Estados Unidos da América

ORCID: 0000-0002-8848-8121

gg15@rice.edu

Professora de Antropologia na Universidade de Rice e coautora do Manifesto for Patchwork Ethnography. Pesquisou a respeito da construção de infraestruturas de energia renovável e uso de tecnologia limpa nos Emirados Árabes Unidos e investiga como ambientes urbanos se transformam diante de desafios relacionados à energia e às mudanças climáticas.

Chika Watanabe

University of Manchester – Reino Unido

ORCID: 0000-0001-5170-1585

chika.watanabe@manchester.ac.uk

Professora de Antropologia Social na Universidade de Manchester e coautora do Manifesto for Patchwork Ethnography. Seus interesses de pesquisa e ensino estão voltados para questões de desenvolvimento, organizações não governamentais e preparação de medidas que visem à melhor resolução de desastres.

Ana Carolina S. Teixeira

Faculdade Cásper Líbero – Brasil

ORCID: 0000-0002-1374-8013

anasanteix@gmail.com

Estudante de graduação de Rádio, TV e Internet na Faculdade Cásper Líbero. Seus projetos atuais buscam retratar, por meio de produtos audiovisuais e artigos, como a arte se dá no âmbito onírico das ficções e na exatidão da realidade, criando uma linguagem visual única.

Diego Netto

Faculdade Cásper Líbero – Brasil

ORCID: 0000-0002-3547-3487

diegonetto123@gmail.com

Graduado no curso de Comunicação Social com ênfase em Publicidade e Propaganda pela Faculdade Cásper Líbero no ano de 2022. Sua última pesquisa foi voltada ao campo da moda e dos estudos de gênero, e teve como objetivo analisar a performance de gênero em desfiles de grifes de luxo.

Neste material estão compiladas a tradução para o português do Manifesto por uma Etnografia de Retalhos e uma entrevista inédita realizada com duas de suas autoras, Chika Watanabe e Gökçe Günel. A entrevista aconteceu em julho de 2022, através da plataforma Zoom, e serviu para conhecer os dilemas e as perspectivas da proposta de etnografia defendida pelas pesquisadoras. O encontro também serviu para amparar e refinar o exercício de tradução que estava em andamento, permitindo o diálogo direto a respeito da abordagem de retalhos e a identificação das formas com que a proposta pode ecoar na academia brasileira.

Entrevista; Etnografia de Retalhos; Metodologia de pesquisa; Pesquisa antropológica; Etnografia feminista.

In this material are compiled the Manifesto for Patchwork Ethnography Portuguese translation and an unpublished interview with two of its authors, Chika Watanabe and Gökçe Günel. The interview took place in July 2022 through the Zoom platform and helped us to learn more about the dilemmas and perspectives of the ethnography proposal defended by the researchers. The meeting also served to support and improve the translation that was in progress, allowing direct dialogue about the patchwork approach and the identification of the ways in which the proposal could resonate in Brazilian academia.

Interview; Patchwork Ethnography; Research methodology; Anthropological research; Feminist ethnography

Introdução

O Manifesto por uma Etnografia de Retalhos foi escrito em 2020 por Gökçe Günel (Universidade de Rice, Texas), Saiba Varma (Universidade da Califórnia, San Diego) e Chika Watanabe (Universidade de Manchester, Manchester) e publicado em junho daquele mesmo ano na página da *Society for Cultural Anthropology*[1], organização vinculada à *American Anthropological Association*. O manifesto oferece uma abordagem teórica e metodológica feminista, que busca dar visibilidade às contingências pessoais, profissionais e conjunturais enfrentadas pelas pesquisadoras na condução de suas pesquisas. A pesquisa etnográfica, afirmam as autoras, poderia ser pensada enquanto produto construído não a partir da análise de um campo com limites bem definidos, mas a partir da análise de um conjunto de retalhos que envolveria, também, a vida das próprias pesquisadoras. O texto que segue contém a tradução do Manifesto para o português e a transcrição de uma entrevista realizada com duas de suas autoras.

A entrevista aconteceu cerca de dois anos depois da publicação do Manifesto, em julho de 2022, quando Renata Albuquerque e Ana Carolina Teixeira conversaram com Gökçe Günel e Chika Watanabe em uma videoconferência que foi gravada, transcrita, traduzida e editada com o apoio de Diego Netto. Gökçe e Chika estavam juntas em Berlim; Renata e Ana, na cidade de São Paulo. Na ocasião da entrevista, as quatro mulheres discutiram algumas das ideias centrais a respeito da Etnografia de Retalhos, conheceram o processo de construção do Manifesto e revisitaram outros projetos construídos pelas autoras. Entre eles, um Webinário sobre Etnografia de Retalhos realizado em junho de 2021, com financiamento da Fundação Wenner-Gren[2]; e um projeto de difusão de pesquisas que têm utilizado a referida abordagem e que reúne depoimentos de antropólogas e antropólogos de diferentes partes do mundo[3].

1 Cf. em https://culanth.org/fieldsights/a-manifesto-for-patchwork-ethnography

2 Cf. em https://www.patchworkethnography.com/webinar210624-25

3 Cf. em https://www.patchworkethnography.com/conversations

Tradução: Manifesto por uma Etnografia de Retalhos

Mesmo antes da chegada da pandemia de Covid-19, o trabalho de campo antropológico “tradicional” já estava em apuros, e há algum tempo truísmos a seu respeito têm sido questionados: a separação entre “campo” e “casa”; as suposições genderificadas (masculinizadas) de que o pesquisador de campo está sempre disponível e disposto a tudo; e a inclinação da antropologia em relação a sujeitos em sofrimento (Anjaria e Anjaria 2020, Robbins 2013). Ao mesmo tempo, as condições neoliberais do trabalho em universidades, a “feminização” da antropologia, as expectativas de equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, as preocupações com o meio ambiente e as críticas feministas e decoloniais à antropologia têm demandado uma revisão do trabalho de campo enquanto um processo que implica em passarmos um ano ou mais em lugares distantes de casa. Obrigações familiares, condições precárias de trabalho e outros fatores escondidos, estigmatizados ou tácitos – aos quais se soma a pandemia de COVID-19 – tornaram o trabalho de campo presencial e de longo prazo difícil, senão impossível. A pandemia dissipou

muitos planos, e a perspectiva de realização de uma etnografia contínua também parece incerta. Um número cada vez maior de especialistas da medicina acredita que talvez nunca voltemos ao "normal", sugerindo que o trabalho de campo "tradicional", de longo prazo, pode ter se tornado impossível.

Etnógrafas e etnógrafos[4] têm se adaptado a vários desafios relacionados ao trabalho de campo através de métodos como a pesquisa em ambientes digitais, o trabalho de campo multissituado, a autoetnografia e mesmo o relacionamento com sujeitos de pesquisa que são dinâmicos, familiares ou, eles mesmos, especialistas (Harrison 1991, Marcus 1995, Gupta e Ferguson 1997, Amit 2000, Burawoy 2000, Faubion 2009, Faubion e Marcus 2009, Nagar 2014, Papacharissi 2015, Huang 2016). Essas inovações, entretanto, em grande medida foram baseadas nas necessidades dos sujeitos da pesquisa. Não muitas pessoas prestaram atenção em como as práticas etnográficas são reformuladas pela vida ou pelos múltiplos compromissos profissionais e pessoais de quem conduz as pesquisas: do cuidado com as crianças e preocupações com a saúde às restrições financeiras, ambientais, políticas e temporais, passando pelos compromissos e relacionamentos "em casa" e mesmo pela transitoriedade de determinados temas de pesquisa.

Defendemos a consolidação das inovações que já estão sendo praticadas na antropologia, sobretudo quando não há outra opção, mas que permanecem localizadas em uma espécie de caixa preta. Apoiamo-nos em elaborações feministas e decoloniais de longa data, que tratam do entrelaçamento tanto do pessoal e do profissional, quanto do teórico e do metodológico na pesquisa. Já sabemos que apesar da feminização de muitas disciplinas das ciências humanas e sociais, a pesquisa e a vida doméstica permanecem marcadas pelo gênero, e o trabalho doméstico (feminino) que permite que o trabalho intelectual aconteça é frequentemente invisibilizado (Ahmed 2006). De forma complementar, foi identificado que suposições capacitistas reforçam a lógica da produtividade na academia e produzem cenários em que a saúde mental das pesquisadoras e pesquisadores é prejudicada, impactando na pesquisa etnográfica (Pollard 2009, Cvetkovich 2013, Pinto 2014, Johnson 2016, Platzer e Allison, 2018). Sabe-se também que demandas adicionais de trabalho recaem desproporcionalmente sobre docentes *queer* e não brancas (Ahmed 2012, Matthew 2016). Ainda, é reconhecido que os atritos entre a vida familiar e a vida universitária atrapalham a produtividade (Bothwell 2018, Lundquist e Misra 2015). Finalmente, está cada vez mais evidente que conjunturas políticas tensas, somadas a diretrizes pouco convidativas para titulação e promoção nas universidades, desvalorizam a antropologia pública ou ativista (Mcgranahan 2006). Apesar de sua importância, entretanto, esses trabalhos não discutem sobre como as antropólogas e os antropólogos têm inovado na criação de métodos e epistemologias que lhes permitam lidar com suas preocupações íntimas, pessoais, políticas ou materiais.

Consideramos imperativo conceituar uma nova abordagem teórica e metodológica para a etnografia, que estamos chamando de Etnografia de Retalhos. A Etnografia de Retalhos começa com o reconhecimento de que recombinações sobre "casa" e "campo" se tornaram necessidade – especialmente diante da atual

4 Nota dos tradutores: Um dos desafios desta tradução foi encontrar formas inclusivas de discutir, em português, a genderificação do trabalho etnográfico. Por um lado, não gostaríamos de recorrer ao masculino como tradução universal de palavras que, no inglês, são de gênero neutro "*academics, ethnographers, anthropologists*" etc. Ao mesmo tempo, entendemos ser importante registrar na tradução os momentos em que o original sinalizava práticas e condutas modificadas pela divisão sexual do trabalho. Quando foi possível, o texto foi traduzido com ligeiras adaptações capazes de preservar a dimensão da inclusão sem alterar profundamente a mensagem original (i.e.: para o original "*A growing number of medical experts and observers believe…*", optamos por "um número cada vez maior de especialistas da medicina acredita…"). Em outros casos, optamos por incluir as duas flexões de gênero das palavras (i.e.: para o original "*ethnographers*", optamos por "etnógrafas e etnógrafos").

pandemia. Por "etnografia de retalhos", nos referimos a processos e protocolos etnográficos desenhados em torno de visitas de campo de curta duração, usando dados fragmentados (mas rigorosos) e outras inovações que resistem à fixidez, holismo e certeza exigidas no processo de publicação. A Etnografia de Retalhos não se refere a viagens e relacionamentos pontuais, curtos e instrumentais – parecidos com consultorias – mas a esforços de pesquisa que mantêm os compromissos de longo prazo, a proficiência linguística, o conhecimento contextual e o pensamento lento que caracterizam o chamado trabalho de campo tradicional (Faubion 2009, Pigg 2013, Adams, Burke e Whitmarsh 2014). Ao mesmo tempo, espera-se que a pesquisa considere plenamente como as mudanças nas condições de vida e de trabalho estão transformando profunda e irrevogavelmente a produção de conhecimento. A Etnografia de Retalhos não é uma desculpa para sermos mais produtivos. Ao contrário, é uma maneira eficaz de fazer pesquisa, mas mais gentil e delicada porque expande o que consideramos como materiais, ferramentas e objetos aceitáveis para nossas análises.

No início de 2021, com o apoio da Fundação Wenner-Gren, reunimos um grupo diversificado de antropólogas e antropólogos de diferentes países e que enfrentam variadas condições profissionais e pessoais para avançar a partir dos *insights* permitidos pelas ideias decoloniais e feministas. Em vez de considerar os múltiplos compromissos das pesquisadoras e dos pesquisadores como restrições, queremos refletir sobre quais formas de conhecimento e quais metodologias emergem desses seus compromissos de vida e trabalho. A inovação metodológica da Etnografia de Retalhos reconceitualiza a pesquisa como um trabalho com, e não contra, as lacunas, restrições, parcialidades do conhecimento e diversos compromissos que caracterizam toda produção de conhecimento (Haraway 1988, Cerwonka e Malkki 2007).

Nossa abordagem examina todas as fases do processo etnográfico e pergunta como cada uma delas é remodelada pelas novas realidades que nos confrontam. Primeiro, como devemos reconceituar noções de *ir* ou *viajar* para o campo? Como pesquisadoras e pesquisadores constroem locais e visitas de campo quando enfrentam restrições pessoais, financeiras e políticas? Como garantimos a viagem para os locais de campo e o que fazemos quando a viagem é impossível? Como essas pressões redefinem "casa" e "campo"? Como etnógrafas e etnógrafos, nosso objetivo principal ainda é "sair para enfrentar o radicalmente desconhecido... tornando-o compreensível e provável" (Howell 2017, 18) ou há algo mais que a Etnografia de Retalhos poderia oferecer? Em segundo lugar, focamos na necessidade de acomodar novos modos de *"estar lá"* quando o trabalho de campo de longo prazo não é mais possível: quais são os modos de fazer pesquisa em curtos períodos de tempo ou de forma remota? Como aprendemos? Como desenvolvemos e mantemos relações? Como lidamos com as lacunas em nossas descobertas? Também queremos saber como nossas vidas e nossos compromissos exigem novas formas de *coleta* de dados: que tipos de novos arquivos construímos quando pesquisamos de forma fragmentada e remendada e quando os objetos de nossa pesquisa (como espaços de conflito violento ou vias de migração transnacional)

são eles próprios constituídos por fragmentos, lacunas e ausências? Quais modos de análise e de representação se apoiam nessas aporias, em vez de evitá-las? Ainda: como o método da Etnografia de Retalhos repensa a *temporalização* da coleta e análise de dados? O modelo típico de escrita pressupõe linearidade na nossa forma de trabalho, mas, devido à pressão para a publicação, muitas pesquisadoras e pesquisadores constroem suas análises enquanto fazem trabalho de campo (Cerwonka e Malkki 2007). Como a abordagem de retalhos muda a forma como pensamos? Finalmente, com quais novos *compromissos e comprometimentos* devemos nos sintonizar em contextos de austeridade neoliberal e de restrições trabalhistas, que exigem maiores responsabilidades pedagógicas e administrativas e transformam a própria "economia política do conhecimento" (Nagar 2014)? Como podemos oferecer moldes e modelos de Etnografia de Retalhos para estudantes e outras pessoas interessadas no método?

A Etnografia de Retalhos oferece uma nova maneira de reconhecer como a vida das pesquisadoras e dos pesquisadores, em toda a sua complexidade, molda a produção de conhecimento e por isso precisa ser acomodada no contexto das suas pesquisas. Nesse processo, argumentamos que o próprio conhecimento antropológico deve ser transformado. A Etnografia de Retalhos nos ajuda a reconfigurar o que conta como conhecimento e o que não conta, o que conta como pesquisa e o que não conta, e como podemos transformar realidades que nos foram descritas como "limitações" e "restrições" em oportunidades para novos *insights*. Esperamos que esta intervenção forneça um enquadramento metodológico e uma armadura teórica para quem está prestes a embarcar em projetos de pesquisa e para quem sinta que sua pesquisa chegou a um ponto final por motivos pessoais, financeiros ou práticos. A Etnografia de Retalhos não reage às externalidades do mundo exigindo mais produtividade. Em vez disso, procura refazer esse mundo apagando categorias e limites pré-estabelecidos entre nossas vidas pessoais e profissionais. Nós a oferecemos como um recurso para um mundo que mudou com a pandemia.

ENTREVISTA: DIÁLOGOS, DILEMAS E PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS FEMINISTAS PARA A ANTROPOLOGIA

Renata Albuquerque: Primeiro gostaríamos de conhecer vocês e suas trajetórias como pesquisadoras e como antropólogas. Depois, também gostaríamos de saber um pouco mais sobre o primeiro trabalho de campo de vocês. Vocês acham que ele foi de alguma forma relacionado ao que se tornou a Etnografia de Retalhos, ou foi um trabalho de campo mais tradicional?

Chika Watanabe: Essa é uma pergunta muito importante, pois uma das coisas que queremos enfatizar é que a Etnografia de Retalhos não é contra o que imaginamos ser um trabalho de campo tradicional. Esperamos que a Etnografia de Retalhos possa ser uma maneira de repensar o que pode parecer trabalho de campo tradicional. Por exemplo, em minha primeira pesquisa fiz meu projeto sobre uma ONG japonesa e suas atividades em Myanmar – ou Burma – no sudeste

asiático. Eu fiz parte do meu trabalho de campo no Japão, e depois parte do meu trabalho de campo no sudeste asiático, em Mianmar. Quando morei no Japão, vivi com meus pais e comecei a frequentar o escritório da ONG todos os dias, cinco dias por semana. Em minhas anotações de campo escrevi sobre o que acontecia no escritório, mas também utilizei o caderno como um diário. Assim, parte das minhas anotações de campo incluíam minhas brigas com minha mãe ou coisas realmente irritantes sobre a minha vida familiar. Porém, quando escrevi minha tese e meu livro, obviamente – não obviamente, mas, você sabe... – eu apenas escrevi sobre a ONG, o meu tempo nela, no escritório e em seus centros de treinamento, mas nunca escrevi sobre o fato de que eu estava me deslocando entre o apartamento de meus pais e o escritório. Também nunca escrevi sobre meus pais ou sobre o fato de que estava vivendo com minha família e tendo brigas com eles... ou até mesmo sobre a relação entre ir da casa da minha família para o escritório ou para "o campo". Assim, quando começamos a fazer este projeto sobre a Etnografia de Retalhos, percebi que, embora sempre achasse que tinha feito o trabalho de campo tradicional, na verdade eu estava indo entre o campo e a casa, transitando entre o que entendemos como "retalhos". O pessoal e o profissional estavam colidindo um no outro. As coisas das quais eu estava falando com meus pais em casa, influenciaram em como eu estava interpretando a minha experiência com a ONG e vice-versa. Mas eu nunca levei isso em conta. Essa é uma das razões pelas quais entendemos que a Etnografia de Retalhos não é contra o trabalho de campo tradicional, mas é uma maneira de repensar como conceitualizamos o trabalho de campo tradicional.

Gökçe Günel: Eu acho que posso dizer o mesmo que a Chika, porque também fiz uma pesquisa multissituada. Eu estava acompanhando a construção de uma cidade ecológica em Abu Dhabi chamada Masdar City, e meu trabalho de campo começou no MIT[5], em Cambridge, e depois me mudei para Abu Dhabi por um ano. No final de minha pesquisa, passei algum tempo na UNFCCC[6], em Bonn. Então quando começamos a pensar sobre os retalhos e conversávamos sobre o assunto, eu tinha uma percepção muito parecida com essa da Chika. Acho que meu campo em Abu Dhabi era bastante semelhante ao dela no Japão, porque eu migrava para um escritório cinco dias por semana. O deslocamento por si só já era muito importante para meu trabalho de campo, porque eu sempre fazia esse trajeto com meus colegas que moravam em Dubai e iam para Masdar City em Abu Dhabi. Além disso, e do mesmo jeito que a Chika explicava agora, eu hoje percebo o tipo de divisões que criamos e vivemos durante o trabalho de campo, porque eu estava morando com uma amiga minha da faculdade e, embora essa amiga tenha sido reconhecida nos meus agradecimentos – porque o papel dela em minha pesquisa era extremamente importante e eu não poderia sequer ter encontrado moradia se ela não tivesse me ajudado – isso nunca se tornou parte do projeto. Todas as nossas conversas à noite foram sobre a minha experiência em Masdar e muitas das frustrações que tive com a maneira como as coisas são feitas nos Emirados Árabes Unidos foram compartilhadas com ela ou foram coisas que vivenciamos

5 Instituto de Tecnologia de Massachusetts
6 Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima

juntas. Mas quando escrevi sobre minhas experiências, foi como se essa pessoa não existisse e não tenho certeza porque eu fiz isso. Parece que incluir tudo isso não era a maneira certa de se fazer as coisas. Acho que só pudemos falar sobre a Etnografia de Retalhos depois da conclusão desses projetos, porque vimos como era difícil manter aquela divisão entre "casa" e "campo". Assim, à medida que começamos a fazer novas pesquisas, elas se tornaram mais abrangentes.

Renata: Muito obrigada, Gökçe. Perguntar por que não incluímos as pessoas ao nosso redor em nossa análise é um excelente questionamento, estou repensando toda a minha tese de doutorado! Agora, gostaria de saber sobre a terminologia que vocês utilizam. Vocês estavam falando sobre quando começaram a ter conversas sobre esse modelo de trabalho e revisaram a maneira como estavam escrevendo e analisando sua experiência de campo. Como a Etnografia de Retalhos surgiu como uma terminologia?

Chika: Há anos falávamos sobre como era difícil ir para o campo, especialmente por longos períodos. Em primeiro lugar, por causa de nossos trabalhos. Segundo, porque temos parceiros ou famílias que não podemos realmente deixar para trás ou que não queremos deixar para trás. Então, estávamos falando sobre como era simplesmente impossível fazer o tipo de trabalho de campo que fizemos como estudantes de doutorado e acho que Gökçe disse: "É como tentar juntar vários retalhos... estamos fazendo uma Etnografia de Retalhos". E o nome simplesmente pegou.

Gökçe: Era um termo que usávamos entre nós, em nossas conversas diárias, sem necessariamente defini-lo ou teorizá-lo. Uma vez eu falei sobre ele e acho que Chika imediatamente soube o que significava. Não havia necessidade de defini-lo naquele momento, mas, naturalmente, isso aconteceu à medida que começamos a desenvolvê-lo como um projeto.

Chika: As pessoas nos perguntam: "por que se chama *patchwork* e não outra coisa?". Não havia realmente nenhum raciocínio intelectual para que o termo "*patchwork*" surgisse como nosso termo. Ele surgiu organicamente a partir de uma conversa entre amigas.

Renata: E está funcionando muito bem! É uma excelente formulação, explica muito sobre o trabalho de campo e sobre nosso processo de análise. *Patchwork* nos ajuda a entender como estamos coletando os dados e como poderíamos analisá-los. É excelente! O projeto já tem dois ou três anos, certo? Vocês já fizeram muitas coisas durante este tempo.

Gökçe: Sim, começamos no início de 2020, antes da pandemia, basicamente.

Renata: E vocês têm o Manifesto, o seminário, o website e todas aquelas con-

versas públicas sobre ele. Há muitas coisas acontecendo simultaneamente. Eu estava me perguntando, o que vem a seguir? Como vocês avaliam o que fizeram até agora? Vocês acham que é um projeto mais longo ou foi como uma ideia mais pontual?

Gökçe: Queremos seguir em frente e continuar investigando um pouco mais. Algo que gostaríamos de fazer nos próximos três anos é acessar arquivos antropológicos e estudar as notas de campo de pesquisadores e pesquisadoras do início do século XX ou do século XXI que embasaram trabalhos que já lemos, mas sem saber direito como eles tinham sido construídos. O objetivo do projeto é identificar como esses antropólogos e antropólogas lidaram com suas responsabilidades intersetoriais, como escreveram (ou não escreveram) sobre suas vidas familiares ou como escreveram sobre suas vidas domésticas *versus* suas vidas profissionais em suas anotações de campo. Uma das coisas que queremos enfatizar é que a Etnografia de Retalhos não trata necessariamente de inventar algo novo, mas de trazer à tona circunstâncias que já ocorriam no passado, ao longo dos anos de pesquisa antropológica. Portanto, uma das coisas que queremos fazer é verificar como outras pessoas solucionaram estes desafios antes de nós.

Chika: Também queremos entender como a antropologia e a pesquisa etnográfica são ensinadas em todo o mundo. As pessoas têm nos dito que esta ideia de trabalho de campo a longo prazo em um lugar distante e por muito tempo é muito particular às formas de se exercer antropologia na América do Norte e na Europa. Eu acho que alguém do México estava nos dizendo que lá, as pessoas não fazem doze meses de trabalho de campo fora do país. Elas fazem dois meses aqui, dois meses ali, durante o verão ou entre outras pausas. Começamos a pensar que esta ideia de trabalho de campo de longo prazo é um mito da Europa e dos Estados Unidos, mas que talvez não seja realmente uma ortodoxia em todo o mundo. Portanto, nos próximos anos queremos aprender mais sobre como a pesquisa etnográfica é ensinada nos diferentes países do mundo, e trazer isso para a discussão anglo-saxônica que acontece sobre o trabalho de campo.

Renata: Isto é realmente interessante! Agora estou pensando no campo das Antropologias Mundiais. Meu orientador foi o Dr. Gustavo Lins Ribeiro e ele está muito envolvido com esta conversa. Seria incrível revisitá-la com esta pergunta em mente, tentando entender como o trabalho de campo é ensinado em diferentes partes do mundo. Eu adoraria saber mais sobre esse projeto depois! O que vocês esperam encontrar? Vocês acham que vão encontrar "retalhos" por toda parte? É possível imaginar que, pelo menos em alguns aspectos, o trabalho etnográfico é sempre assim, remendado?

Chika: Pensamos que provavelmente haverá aspectos da Etnografia de Retalhos em todos os lugares, já que todos sempre fizeram malabarismos entre suas responsabilidades. Mas como essas interseções do pessoal e do profissional se

manifestam na pesquisa em diferentes partes do mundo ainda é desconhecido. Uma das coisas que queremos explorar nos próximos anos é se o que as pessoas consideram ser dados etnográficos "rigorosos" precisa necessariamente ou tem precisado de trabalho de campo ininterrupto de longo prazo, e que tipos de "dados válidos" podem emergir da Etnografia de Retalhos. Aprender com as Antropologias Mundiais pode ser um primeiro passo muito produtivo.

Gökçe: Desde a publicação de nosso Manifesto, o caráter inclusivo da Etnografia de Retalhos atraiu atenção e gerou entusiasmo entre muita gente, o que é bastante importante para nós. Mas, como a Chika disse, ainda não examinamos como essa abordagem molda a coleta e a análise de dados, e tampouco revisamos seus potenciais pontos fortes e limitações. Na próxima fase de nossa pesquisa, queremos entender o que constitui uma "boa" Etnografia de Retalhos. Quais seriam os padrões para uma Etnografia de Retalhos rigorosamente conduzida? Se o campo antropológico aceitar a Etnografia de Retalhos como benéfica de alguma forma, como assegurar que ela seguiria boas práticas de pesquisa? Quais são exatamente essas melhores práticas? Queremos iniciar uma escola de verão que se concentre na Etnografia de Retalhos, que esperamos que ocorra na sede de Paris da Universidade de Rice a partir de julho de 2023, e pensamos que conversar com estudantes de doutorado sobre todas essas questões será muito útil.

Renata: Agora passando para outro tópico, gostaria de ouvir um pouco sobre a dimensão de gênero na abordagem de retalhos – na Etnografia de Retalhos e nossa vida retalhada. Como vocês relacionam essa abordagem com os estudos de gênero?

Chika: Definitivamente pensamos na Etnografia de Retalhos como um projeto feminista. Primeiro, porque apesar de todas as melhorias com relação à igualdade de gênero, no final das contas, as mulheres acabam fazendo muito do trabalho doméstico e de cuidado, seja com seus filhos ou com seus pais idosos. Quando publicamos o Manifesto, muitas pessoas nos escreveram e nos agradeceram, dizendo que estávamos legitimando todos os tipos de coisas que elas tinham que fazer, e elas eram predominantemente mulheres. Acho que os homens também têm esse tipo de experiência em que precisam equilibrar suas responsabilidades pessoais e privadas com as profissionais. Mas, em todo o mundo, muitas vezes isso recai de forma desigual sobre as mulheres. Portanto, é evidente que existe uma dimensão de gênero para as multitarefas que, em sua maioria, recaem sobre as pesquisadoras mais do que sobre os pesquisadores. Também pensamos em Donna Haraway, em Marilyn Strathern e em outras estudiosas feministas que falam de conhecimento parcial e de não compreender a ciência de uma forma holística, por exemplo. Por alguma razão, pelo menos na América do Norte e na Europa, a forma como a etnografia é ensinada como método ou metodologia ainda é muito holística, certo? As pessoas nesses departamentos leem sobre o conhecimento parcial, mas quando vão e realmente fazem a pesquisa, não implementam a teoria do

conhecimento parcial na abordagem metodológica. Portanto, estamos pensando na Etnografia de Retalhos como uma resposta pragmática e metodológica a esses tipos de intervenções teóricas feministas que existem há tanto tempo.

Gökçe: É quase como se estivéssemos fazendo uma pergunta sobre tradução – como traduzir o conhecimento parcial em termos metodológicos? Como ele seria? Essa é a nossa perspectiva e foi assim que chegamos à Etnografia de Retalhos.

Renata: Logo no início do Manifesto vocês mencionam a "feminização da antropologia". O que vocês querem dizer com isso? Vocês estão se referindo a um aumento do número de mulheres antropólogas fazendo pesquisa ou a uma transformação do trabalho antropológico, que, de alguma forma, corresponderia aos estereótipos femininos, às obrigações familiares e a toda essa gama de questões que vêm com a divisão sexual do trabalho?

Chika: Queríamos dizer que existem, pelo menos na América do Norte e na Europa, predominantemente mulheres antropólogas. Mais da metade das antropólogas são mulheres.

Renata: Esta informação é muito importante para considerar como o trabalho de campo está realmente sendo feito, certo? Eu pessoalmente entendi que a Etnografia de Retalhos pode ser uma abordagem poderosa para relacionar as contingências da maternidade à pesquisa etnográfica, me permitindo entender como meu trabalho de campo é feito. É a peça que faltava, que pode trazer qualidade, densidade e um suporte metodológico para a vida fragmentada que as mães normalmente têm... o tempo fragmentado de que dispomos para comer, tomar banho, ler, pensar e fazer pesquisa. Sem essa ideia da Etnografia de Retalhos – e eu disse isso a Katie Ulrich em nossa conversa[7] – eu sentia que estava fazendo algo errado, uma antropologia que não era suficiente. Como você acha que o Manifesto supera esse tipo de restrição de vidas sobrecarregadas?

7 Cf. em https://www.patchworkethnography.com/r-albuquerque

Gökçe: Uma das pessoas que nos procurou logo após a publicação do Manifesto, disse: "Acabei de lê-lo e minha primeira resposta foi um suspiro de alívio". Essa foi uma resposta muito comovente para nós, pois é esse o tipo de sentimento que gostaríamos que todas as nossas leitoras e os nossos leitores experimentassem. Uma das coisas que temos tentado enfatizar desde o início do projeto é que a Etnografia de Retalhos foi tornada ilegítima, e em vez de pensarmos desta maneira, deveríamos visualizá-la como uma forma inovadora de abordar a pesquisa, para que a fragmentação não signifique necessariamente que as descobertas sejam menos válidas. A fragmentação pode implicar em um caminho inovador para chegarmos a essas descobertas, e uma vez que reconhecemos e aceitamos que tais práticas estão por aí, no mundo, podemos fazer perguntas sobre seu rigor e pensar nas melhores práticas.

Chika: Uma das apresentadoras do webinar que fizemos em junho de 2021 foi Kate McClellan, e acho que o trabalho dela chamava "Repensando a Distração". Ela estava escrevendo sobre a distração de ser mãe de uma criança, especialmente na pandemia, e ao invés de se sentir culpada por isso, ela perguntou como poderíamos pensar essa circunstância enquanto algo positivo. Queremos criar espaço para que as pessoas pensem na fragmentação como uma força potencial ou uma forma de criar teoria, produção de conhecimento. Portanto, não se trata apenas de reconhecer que as pessoas têm essas responsabilidades, mas de avaliar como isso pode se tornar parte das formas como produzimos a teoria. Talvez muitos antropólogos tenham produzido teoria dessa forma e nós simplesmente nunca a reconhecemos.

Renata: Estamos falando de todas essas dificuldades e restrições, dos fragmentos das nossas vidas, e vocês estão olhando para tudo isso e perguntando se algo de bom surge daí. Fico muito curiosa sobre este ponto específico da sua abordagem, e esta era, na verdade, minha última pergunta para vocês. Da leitura do Manifesto, conseguimos identificar alguns conjuntos de cenários que levaram à Etnografia de Retalhos: vocês mencionam as precárias condições de trabalho nas Universidades, que nos exigem múltiplos compromissos profissionais; mencionam a falta de financiamento adequado para a pesquisa; a dinâmica de vida moldada pela divisão sexual do trabalho e a invisibilidade do trabalho de cuidado; e mencionam a própria pandemia. Nenhum desses cenários representa o que queremos para o mundo, o que queremos para o futuro da humanidade ou para o futuro da ciência. Neste sentido, como devemos pensar sobre o futuro da abordagem de retalhos? Será algo que devemos nos agarrar e valorizar, ou algo em que devemos nos apoiar enquanto enfrentamos as muitas dificuldades impostas por um mundo neoliberal e patriarcal? É uma pergunta grande, eu sei...

Chika: Eu acho que essa é uma pergunta realmente excelente, que é um dos dilemas centrais do trabalho que precisamos fazer para avançar, porque entendemos que é preciso resistir às condições reais que estão tornando necessário o *patchwork*: a restrição do tempo de pesquisa, a sobrecarga de trabalho, a colocação de muitas responsabilidades, pessoais e profissionais sobre as mulheres. Tudo isso são condições problemáticas que eu acho que precisam ser combatidas. Mas essas não são coisas que vão mudar no próximo ano ou dois. E, enquanto isso, as pessoas precisam fazer pesquisas, então, estas têm tentado estabelecer estratégias de como continuar a realizá-la. Portanto, pensamos na Etnografia de Retalhos como uma oferta pragmática para as pesquisadoras e para os pesquisadores. Não estamos dizendo que essas lutas fundamentais, que mudam o sistema, não deveriam acontecer. Obviamente, elas são importantes, e outras pessoas estão trabalhando em torno disso. Mas, enquanto isso, as pessoas ainda estão inovando dentro dessas restrições, e nós queremos apenas reconhecer que ainda há inovações acontecendo dentro disso. Ao mesmo tempo, há outras razões pelas quais as pessoas não podem ir ao campo por muito tempo, por exemplo no caso de pessoas

com deficiências. Não importa como as coisas mudam, elas ainda podem ter razões pelas quais não podem ir ao campo por muito tempo. Ou elas podem optar por não ir. Podem escolher que não querem deixar seus filhos, ou seus pais idosos em casa sozinhos enquanto vão e fazem o trabalho de campo. Portanto, por um lado, existem as condições neoliberais e tudo aquilo que precisa ser combatido. Mas, por outro lado, queremos dizer que optar por equilibrar sua família com sua profissão também é bom. Ainda há espaço para a produção de conhecimento levar essas experiências como legítimas.

Gökçe: Desde que começamos este projeto, temos visto transformações incrementais também. Portanto, de certa forma, ao defender a Etnografia de Retalhos, acho que conseguimos mostrar como todas essas condições neoliberais afetaram a capacidade das pesquisadoras e dos pesquisadores de fazer perguntas. Por exemplo, uma das coisas muito gratificante foi ver como a Fundação Wenner-Gren acrescentou o cuidado infantil como um item legítimo em seus orçamentos nos últimos anos. Estivemos em conversa com Danilyn Rutherford, que é a presidente da Fundação Wenner-Gren, e em sua apresentação em nosso Webinário de junho de 2021, ela anunciou que os orçamentos agora incluiriam o cuidado das crianças. Isto pode não parecer uma grande transformação, mas na verdade vai ter um efeito na vida de muitas pesquisadoras e pode viabilizar que a pesquisa seja realizada enquanto as relações e responsabilidades familiares sigam preservadas.

Renata: Essa é uma excelente notícia, eu não sabia disso. E foi um dilema muito interessante aquele que a Chika mencionou, gostaria muito de pensar mais sobre isso.

Gökçe: Acho que esta é a tensão que está no coração do nosso projeto. Ela também nos impulsiona a questionar o futuro das estruturas epistemológicas da antropologia, e nos faz investigar os tipos de continuidades e rupturas que podemos detectar na prática etnográfica através de diferentes gerações. Além de olhar os arquivos antropológicos e ler notas de campo, nos próximos meses queremos conversar com etnógrafas e etnógrafos de várias gerações para descobrir como nossas práticas se deslocaram. E sim, eu acho que é esse tipo de tensão que mantém o projeto em andamento.

Renata: Sim, eu também acho. Quero dizer, de onde estou agora, como mãe de duas crianças pequenas, acho que tendo a concordar com a ideia de que esta é uma nova maneira de pensar sobre a relação entre vida familiar e pesquisa, não algo que de alguma forma vou superar, mas talvez apenas uma nova maneira de pensar sobre metodologia no trabalho antropológico. Também fiquei pensando se eu fiz um trabalho de campo tradicional durante meu Ph.D. Eu passei dez meses em várias comunidades indígenas dentro de um território indígena na Bolívia. Eu estava lá o tempo todo, mas não tenho certeza se poderia dizer que sempre estive no estado de espírito de uma pesquisadora, e não sei se isso é possível. Você está

lá fisicamente por todo esse tempo, mas às vezes eu precisava me desconectar de alguma forma das organizações do movimento indígena e depois voltar para "lá". É uma relação muito complexa, mesmo quando estamos "lá" por um longo período de tempo. Não tenho certeza se você está sempre, você sabe, neste estado de espírito fictício. Talvez a abordagem de retalhos, como vocês estavam dizendo, não seja algo que possamos superar completamente. Estou muito comovida com o trabalho de vocês e gostaria de agradecer muito pela conversa e pelo tempo que dedicaram a esta entrevista. Vocês escreveram um Manifesto muito, muito produtivo.

Chika: Obrigada. Estas perguntas são de grande ajuda para pensar mais sobre nosso projeto. Portanto, muito obrigada.

Renata: Nós que agradecemos! Foi muito bom conhecê-las e muito bom ouvi-las. E obrigada novamente por estarem aqui.

Gökçe: Sim. E espero que mantenhamos contato. Este é só o começo!

Recebido em 04/11/2022
Aprovado para publicação em 07/02/2023 pela editora Kelly Silva (https://orcid.org/0000-0003-3388-2655)

Referências

Adams, Vincanne, Nancy J. Burke, e Ian Whitmarsh. 2014. “Slow Research: Thoughts for a Movement in Global Health”. *Medical Anthropology* 33, nº 3: 179–97.

Ahmed, Sara. 2006. “Orientations: Toward a Queer Phenomenology”. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies* 12, nº 4: 543–74.

Ahmed, Sara. 2012. *On Being Included: Racism and Diversity in Institutional Life*. Durham: Duke University Press.

Akhil, Gupta, e James Fergunson. 1997. “Discipline and Practice: ‘The Field’ as Site, Method, and Location in Anthropology”. In *Locations, Boundaries and Grounds of a Field Science*, editado por Akhil Gupta e James Ferguson, 1–46. Berkeley: University of California Press.

Amit, Vered. 2000. “Introduction: Constructing the Field”. In *Constructing the Field: Ethnographic Fieldwork in the Contemporary World*, editado por Vered Amid, 1–18. London: Routledge.

Anjaria, Jonathan Shapiro, and Ulka Anjaria. 2020. “Mazaa: Rethinking Fun, Pleasure and Play in South Asia”. *South Asia: Journal of South Asian Studies* 43, nº 2: 232–42.

Bothwell, Ellie. 2018. Work-Life Balance Survey 2018: Long Hours Take Their Toll on Academics. *Times Higher Education*. https://www.timeshighereducation.com/features/work-life-balance-survey-2018-long-hours-take-their-toll-academics

Burawoy, Michael. 2000. “Grounding Globalization”. In *Global Ethnography: Forces, Connections, and Imaginations in a Postmodern World*, editado por Michael Burawoy, Joseph A. Blum, Sheba George, Zsuzsa Gille, e Millie Thayer, 337–50. Berkeley: University of California Press.

Cerwonka, Allaine, e Liisa Malkki. 2007. *Improvising Theory: Process and Temporality in ethnographic Fieldwork*. Chicago: University of Chicago Press.

Cultural Anthropology, ed. 2018. “Academic Precarity in American Anthropology: A Forum”. *Fieldsights*.

Cvetkovich, Aann. 2013. *Depression: A Public Feeling*. Durham: Duke University Press.

Faubion, James. 2009. “The Ethics of Fieldwork as an Ethics of Connectivity, or The Good Anthropologist (Isn’t What She Used To Be)”. In *Fieldwork Is Not What It Used to Be: Learning Anthropology’s Method in a Time of Transition*, editado por James Faubion e George Marcus, p. 145–64. Ithaca: Cornell University Press.

Haraway, Donna. 1988. “Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the privilege of Partial Perspective”. *Feminist Studies* 14, nº 3: 575–99.

Harrison, Faye Venetia, ed. 1991. *Decolonizing Anthropology: Moving Further Toward an Anthropology for Liberation*. Washington, D.C.: Association of Black Anthropologists; American Anthropological Association.

Howell, Signe. 2017. “Two or three things I love about ethnography”. *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 7, nº 1: 15–20.

https://culanth.org/fieldsights/1321-academicprecarity-in-american-anthropology-a-forum

Huang, Mingwei. 2016. “Vulnerable Observers: Notes on Fieldwork and Rape”. *The Chronicle of Higher Education*. https://www.chronicle.com/article/vulnerable-observers-notes-on-field work-and-rape/

Anu. Antropol. (Brasília) v. 48, n. 1, pp.220-236. (janeiro-abril/2023). Universidade de Brasília. ISSN 2357-738X. https://doi.org/10.4000/aa.10626

Johnson, Alix. 2016. Affect, Attention, and Ethnographic Research: Thoughts on Mental Health in the Field. *Savage Minds*. https://savageminds.org/2016/03/30/affect-attention-and-ethnographic-research-thoughts-on-mental-health-in-the-field/

Lundquist, Jennifer, e Joya Misra. 2015. "Breaking It to Your Family". *Insider Higher Education*. https://www.insidehighered.com/advice/2015/12/04/how-pursue-successful-work-home-life-balance-after-gaining-tenure-essay

Marcus, George. 1995. "Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography". *Annual Review of Anthropology*, nº 24: 95–117.

Matthew, Patricia. 2016. "What Is Faculty Diversity Worth to a University?" *Atlantic*, nº 23. https://www.theatlantic.com/education/archive/2016/11/what-is-faculty-diversity-worth-to-a-university/508334/

Mcgranahan, Carole. 2006. "Introduction: Public Anthropology". *India Review* 5, nº 3-4: 255–67.

Nagar, Richa. 2014. *Muddying the Waters: Coauthoring Feminism across Scholarship and Activism*. Chicago: University of Illinois Press,

Papacharissi, Zizi. 2015. "Affective Publics and Structures of Storytelling: Sentiment, Events and Mediality". *Information, Communication and Society* 19, nº: 307–24.

Pigg, Stacy Leigh. 2013. "On Sitting and Doing: Ethnography as Action in Global Health". *Social Science and Medicine*, nº 99: 127–34.

Pinto, Sarah. 2014. *Daughters of Parvati: Women and Madness in Contemporary India*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Pollard, Amy. 2009. "Field of Screams: Difficulty and Ethnographic Fieldwork". *Anthropology Matters* 11, nº 2:1–24.

Robbins, Joel. 2013. "Beyond the Suffering Subject: Toward an Anthropology of the Good". *Journal of the Royal Anthropological Institute* 19, nº 3: 447–62.